

PERFIL DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA CONSOANTE ÀS CONCEPÇÕES DOS DOCENTES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

Armando da Silva Pereira Neto ¹

Erivelton da Silva Paz ²

Marilene Rosa dos Santos ³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal estabelecer o perfil do professor de Matemática do futuro à luz das atribuições propostas por Pedro Demo, além de analisar as ideias de formação do professor, competências profissionais, saber e prática docente acerca de pensamentos de alguns estudiosos, como: Setzer, Perrenoud, Tardif e Pimenta. Através do proposto por Demo, tornou-se possível a comparação de suas atribuições aos dados coletados nas entrevistas com os professores. Os estudantes depositam apreensão e desinteresse em virtude da abstração dos objetos de estudo da Matemática, dessa forma surge a necessidade de entender qual o perfil dos professores de Matemática na atualidade e, através disso, motivar o surgimento de novas abordagens didáticas, em consonância com as ideias dos autores mencionados. A metodologia empregada deu-se através de um questionário composto por cinco questões subjetivas, usadas para entrevistar oito professores de Matemática da rede municipal de ensino das cidades de Correntes e Paratama, ambas localizadas no agreste meridional pernambucano. A análise dos dados aponta para uma não totalidade de características emparelhadas à ideia proposta por Demo a respeito do perfil do professor do futuro, no entanto, assemelha-se principalmente no que diz respeito a trabalhar Matemática com interdisciplinaridade, haja vista que foi na pergunta que remete a esse perfil onde se registrou a maior concordância nas respostas apresentadas. Outrossim, estão presentes neste artigo aspectos sobre a formação dos professores nos cursos de licenciatura e as dificuldades encontradas durante o exercício da docência no que se refere à educação básica.

Palavras-chave: Perfil do professor de Matemática; professor do futuro; prática docente.

INTRODUÇÃO

As metodologias de ensino tradicionais, constituída principalmente de aula expositiva, foi durante séculos a principal técnica de ensino e ainda está presente no atual contexto educacional. Quando são os únicos recursos metodológicos utilizados para lecionar, torna-se uma abordagem inadequada ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, visto que o somente o professor é o sujeito ativo neste processo.

No ensino da Matemática, as aulas tradicionais tendem a não estabelecer uma relação entre a teoria dos conteúdos lecionados com as situações do cotidiano dos alunos, fator este que dificulta a significação, resultando em uma visão deturpada de que a Matemática é apenas

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade de Pernambuco - UPE, armandoneto55@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade de Pernambuco - UPE, eriveltonsvpaz@gmail.com

³ Professora orientadora: Doutora no Ensino das Ciências e Matemática, Universidade de Pernambuco - UPE, marilene.rsantos@upe.br.

seguir regras e aplicar algoritmos.

Nesta metodologia didática, geralmente, os alunos são submetidos a uma vasta e cansativa bateria de exercícios repetitivos, no qual são meras aplicações de um modelo de solução predeterminada pelo professor, o que não contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, apenas para a memorização dos algoritmos matemáticos, e assim, estereotipando a Matemática como uma disciplina abstrata e que não há muita relação com a vida em sociedade. Tais situações levam o aluno, ainda mais, à passividade na busca e construção do conhecimento.

Sabendo da necessidade de novas abordagens didáticas e pedagógicas nas instituições de ensino que promovam um ambiente suscetível para um processo de ensino e aprendizagem eficaz, o presente artigo foi desenvolvido a fim de investigar o perfil dos professores de Matemática em escolas da rede pública de ensino, quanto a suas abordagens metodológicas de ensino, além de características intrínsecas ao profissional de educação. Tais informações podem estabelecer uma perspectiva esperançosa de melhoria no cenário educacional, dependendo diretamente do perfil atual do professor de Matemática quanto ao exercício da profissão.

Destarte, o presente artigo objetiva estabelecer o perfil do professor de Matemática de duas escolas da rede pública de ensino, situadas no agreste meridional pernambucano. Especificamente, pretendendo realizar uma análise quantitativa e qualitativa dos diferentes perfis dos professores das escolas.

Para levar a cabo esse estudo, foi realizada uma pesquisa de campo objetivando coletar as informações necessárias através de um questionário/entrevista com oito professores da rede pública de ensino.

O questionário aplicado continha cinco questões. A primeira questão referia-se ao uso de instrumentos eletrônicos como recurso didático; o segundo questionamento, sobre a importância de trabalhar a Matemática com interdisciplinaridade; a terceira, indagava sobre a pesquisa na vida profissional do docente, principalmente na educação básica; outra interrogação, foi relativa aos elementos essenciais para formação do professor; e por fim, foi questionado sobre as dificuldades do professor da educação básica em formular projetos didáticos. Tais informações forneceram suporte para determinação do perfil dos docentes.

METODOLOGIA

Foi realizada uma entrevista, aplicando um questionário, com oito professores que lecionam Matemática de duas escolas da rede pública de ensino, situadas nas cidades de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Correntes e Paranatama, no agreste meridional pernambucano.

Os docentes são responsáveis por ministrar aulas em turmas do 6º (sexto) ao 9º (nono) ano do ensino fundamental em suas respectivas escolas. Somente cinco professores têm formação na área em destaque, os demais são formados nos cursos de Licenciatura em Biologia, Pedagogia e Geografia, todavia executam o trabalho como professores de Matemática há algum tempo.

O questionário foi composto por cinco questões subjetivas que versam sobre aspectos importantes para a construção da identidade profissional. A entrevista tinha por intenção conhecer alguns aspectos de cada professor, tais como: utilização de instrumentação eletrônica, interdisciplinaridade, o professor enquanto pesquisador, aspectos essenciais para formação dos professores da educação básica e formulação de proposta própria. O conteúdo de cada pergunta do questionário está ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Questionário aplicado aos docentes entrevistados para determinação do perfil do professor



Curso de Licenciatura em Matemática

Entrevista

1. Como a instrumentação eletrônica pode auxiliar o trabalho do professor em sala de aula na aprendizagem dos alunos?

2. Você acha viável trabalhar conteúdos de Matemática com interdisciplinaridade? Justifique.

3. Você se considera um professor pesquisador? Se sim, quais os valores que a pesquisa pode agregar a vida profissional do professor? Se não, descreva o porquê.

4. O que você considera essencial para a formação de um professor na educação básica?

5. O professor precisa ser formulador de proposta própria. Tal afirmação implica em construir um projeto didático. Porém, isso se torna um desafio para diversos professores. Quais são as dificuldades em formular tais projetos?

Fonte: autoria própria

Diante das condições estabelecidas, a presente pesquisa visa apresentar uma análise de caráter qualitativo e diagnóstico, com a intenção de investigar e elencar diversas características pertinentes para a elaboração do perfil do professor através de uma perspectiva das obras de autores como Demo, Perrenoud, Pimenta, Setzer e Tardif.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Demo (2004), o professor do futuro deverá desfrutar da pesquisa de forma habitual como reconstrução do conhecimento, questionar as informações e não meramente reproduzi-las. “Não basta, pois, coletar conhecimento ou informação, trazer para a sala de aula revistas usadas, recortes de jornal, copiar da internet, porque isto é apenas material de trabalho. Pesquisa começa quando se questiona esse material, desconstrói-se e reconstrói-se” (DEMO, 2004, p. 78).

O autor exprime a ideia de que muitos consideram o aprendizado apenas como o domínio de conteúdos tidos pelo professor e que é transmitido para os alunos por meio de macetes simplificados. Nisto, precisa-se compreender a pesquisa como um argumento facilitador e solucionador do raciocínio mencionado, pois se trata de algo enriquecedor na vida do educador e do educando.

Além de pesquisador, Demo defende que o professor deverá ser formulador de proposta própria e elaborar tais propostas com autonomia, afirmando que:

A habilidade de elaboração própria no professor costuma condensar-se na ideia do “projeto pedagógico” próprio, desafio que ainda não conseguimos adequadamente resolver. No professor básico, o projeto pedagógico geralmente está ausente, porque não se aprendeu a pesquisar e elaborar. (...) Ainda não percebemos que para ser professor é mister ser em alguma medida pedagogo. “Cuidar da aprendizagem do aluno” não é atividade que se aprenda por osmose, ou por simples decorrência do título de PhD, ou como encenação caricata em sala aula. Exige conhecimento de causa, traquejo em teoria da aprendizagem, reflexão madura sobre como avaliar e orientar (Demo, 2004, p. 82).

Segundo Setzer (2001) o professor do futuro deve adaptar-se às instrumentações eletrônicas por ser mais eficiente e atraente atualmente. Outro aspecto importante do professor é tornar-se interdisciplinar, visto a necessidade de integrar as disciplinas e tornar os conhecimentos mais próximos e relacionados entre si.

É válido salientar, segundo a proposta de Pedro Demo, a importância da incessante busca do conhecimento por parte do professor, haja vista que o aluno aprende mais e melhor se o seu educador bem aprender. Trata-se, portanto, da atualização permanente que visa à inovação da sua metodologia de ensino mediante os processos evolutivos na sociedade que, a cada dia, surpreende com novas oportunidades para melhorar as condições de ensino, dando ao professor a possibilidade de reinventar-se.

No campo da competência profissional, Perrenoud (1999) enfatiza mais nas habilidades e técnicas. Para o autor, a competência profissional é um composto de aptidões cognitivas para solucionar diversas situações com êxito, apoiada nos conhecimentos necessários para tal. Nesse sentido, é importante que o profissional da educação tenha conhecimento pedagógico, didático e teórico a fim de promover um ambiente propenso à aprendizagem.

De acordo com Tardif et al. (1991), os múltiplos tipos de saberes (das disciplinas, curriculares, profissionais e da experiência) são partes que compõem a prática docente, e o que diferencia cada um dos saberes depende vínculo do professor com cada um deles. Para o autor, os professores mantêm uma “relação de exterioridade” com os saberes de formação profissional e das disciplinas curriculares, pois esses conhecimentos não pertencem ao sujeito e nem são definidos ou designado por ele, visto que recebe-lhes já determinados em sua forma e conteúdo. Inverso a isso, o autor define “relação de interioridade” os saberes da experiência do docente, no qual estabelece-se a apropriação dos saberes curriculares e profissionais.

Tardif (1999) explana relativo aos saberes profissionais e sua relação na problemática da profissionalização do ensino e da formação de professores, e destaca alguns pontos referentes ao conhecimento profissional, tais como: o conhecimento é adquirido na maioria das vezes na universidade, que prevê apenas uma titulação; é pragmático, visando a resolução de problemas; é destinado a um grupo que poderá fazer uso do conhecimento de forma competente; é de responsabilidade do próprio profissional a sua utilização; requer uma formação contínua etc.

Logo, em relação à prática docente, pode-se afirmar que:

Nas práticas docentes estão contidos elementos extremamente importantes, tais como a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações de ensino complexas, as tentativas mais radicais, mais ricas e mais sugestivas de uma didática inovadora, que ainda não está configurada teoricamente (PIMENTA, 1996, p. 83).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira pergunta, foi indagado aos professores sobre a maneira que a instrumentação eletrônica pode auxiliar a prática docente em sala de aula para promover a aprendizagem dos alunos. As respostas de cada professor podem ser analisadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Respostas dos professores entrevistados referente à primeira pergunta

Pergunta 1: Como a instrumentação eletrônica pode auxiliar o trabalho do professor em sala de aula na aprendizagem dos alunos?	
Professor	Resposta
P1	Facilita a apresentação dos conteúdos proporcionando um momento que requer maior atenção o que facilita o processo de ensino-aprendizagem especificamente dos conteúdos de geometria e trigonometria que tem softwares específicos
P2	Propiciando condições aos professores de conhecerem e utilizarem os procedimentos digitais em diversos campos, bem como desenvolver habilidades com os mesmos e manter-se atualizados.
P3	A instrumentação eletrônica nos proporciona uma grande variedade de maneiras para que possamos enriquecer nossas aulas, com isso melhorando a aprendizagem dos alunos.
P4	A parte eletrônica deve ser utilizada de forma equilibrada para que não retire o principal fator da aula, o aprender. Deverá trabalhar junto a outros métodos de aprendizagem não sendo objeto de diversão ou aula diferente, sem perder o foco para a aprendizagem.
P5	Servindo de suporte para o mesmo, tornando a aula mais prazerosa facilitando assim, a aprendizagem.
P6	As evoluções tecnológicas estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano. Por esse motivo o professor deverá analisar esses novos conhecimentos e utilizar em sala de aula como ferramenta auxiliar no processo de <i>ensino-aprendizagem</i> .
P7	Quando bem empregada, dinamiza as aulas que conseqüentemente atraem a atenção dos discentes e assim aumenta o aprendizado.
P8	Como o material extra para apresentação do conteúdo.

Fonte: Autoria própria

Quatro (P4, P5, P6, P7) dos oito entrevistados apresentam semelhança no que diz respeito à instrumentação contribuir para o processo de ensino e aprendizado, mencionando a importância dos recursos tecnológicos para o aprendizado dos alunos por promover a motivação, o interesse etc. Ressalta-se que o sétimo professor entrevistado (P7) verifica a questão do aprendizado, porém destaca que somente se aplicada corretamente a instrumentação eletrônica surte efeito. Não dista do quarto professor (P4), cujo pensamento é a utilização com cautela para não tornar algo sério em “pura diversão” e perder o foco principal: o aprender.

Dois docentes (P1 e P3) consideram que os instrumentos tecnológicos servem de apoio para o professor em sala de aula, facilitando a apresentação dos conteúdos e contribuindo para a diversidade de recursos metodológicos do docente. Além de contribuir com o docente, o

primeiro professor (P1) relata que a instrumentação eletrônica auxilia o processo de ensino e aprendizagem e, portanto, percebe-se que há uma intersecção com o pensamento dos docentes que consideram que o uso de tecnologia melhora o aprendizado dos alunos.

Por fim, mas não menos importante, o professor P2 exprime a ideia de manter-se atualizado para fazer bom uso dos recursos tecnológicos. Enquanto o oitavo educador (P8) entende a questão dos aparatos tecnológicos como um material extra, isto é, mais um tipo de recurso de ensino. Em uma análise minuciosa, percebe-se que esse último professor tem um pensamento que se estabelece uma certa relação ao entendimento dos professores P1 e P3, pois trata-se de uma ferramenta que auxilia a metodologia do docente.

Neste sentido, percebe-se que os professores entrevistados se interessam pela utilização dos recursos eletrônicos em sala, o que converge com que é destacado pelo autor Setzer (2001), propiciando a aula mais atraente e o processo de ensino e aprendizagem mais eficiente.

Na segunda pergunta, foi questionado se os docentes achavam viável lecionar os conteúdos matemáticos com interdisciplinaridade. Com isso, podemos verificar as respostas de cada docente na Tabela 2.

Tabela 2 – Respostas dos professores entrevistados referente à segunda pergunta

Pergunta 2: Você acha viável trabalhar conteúdos de matemática interdisciplinaridade? Justifique.	
Professor	Resposta
P1	Sim. Mas tem que ter planejamento para não atropelar o processo.
P2	Sim. Para que os alunos possam sentir prazer em aprofundar seus estudos buscando uma melhor relação com as teorias e aplicações Matemáticas.
P3	Sim, pois a matemática é uma disciplina que podemos e necessitamos trabalhar com outras principalmente em projetos.
P4	Sim, porém dependendo do grupo de alunos em trabalho com específicas desvantagens de aprendizagem, a interdisciplinaridade pode causar prejuízos na aprendizagem. Entretanto existindo nível qualitativo para o ano de estudo a interdisciplinaridade é um agente positivo com bom nível de desenvolvimento do aluno
P5	Sim. Isso mostra Principalmente ao educando que a matemática não é uma ciência isolada e que pode ser trabalhada em várias disciplinas.
P6	Sim. Essa abordagem interdisciplinar se relaciona para ampla compreensão de conteúdos estudados a relação entre as matérias é muito importante para uma melhor aprendizagem em sala de aula.
P7	Com certeza, pois abrange muito mais o cognitivo do discente que vai aprender e <u>interrelacionar</u> os conteúdos.
P8	Trabalhando com outras disciplinas irá mostrar ao aluno como a matemática pode ser evidenciada em diversas áreas.

Fonte: Autoria própria

Todos os entrevistados concordam com a possibilidade interdisciplinar que pode ser proporcionada à Matemática em sala de aula, todavia um professor (P1) deixa claro a ideia de que é necessário um planejamento preciso para sua aplicação. E outro (P4) que aponta limites para a prática interdisciplinar e afirma que mal inserida acarreta problemas na aprendizagem.

Os demais professores relatam a importância dessa prática como forma de ampliação do conhecimento entre as disciplinas através de projetos, relação entre teoria e prática e positividade em relação à compreensão dos conteúdos.

Um dos pontos destacados por Demo (2004) é a necessidade de tonar os conhecimentos mais próximos e relacionados, promovendo a interdisciplinaridade. Portanto, percebe-se que os professores entrevistados também defendem essa visão, o que contribui para o exercício profissional e o processo de ensino e aprendizagem.

Na terceira pergunta, foi interrogado se os entrevistados se consideram professor pesquisador, e de que forma a pesquisa pode agregar a prática docente. A Tabela 3 exhibe a alegação de cada um.

Tabela 3 – Respostas dos professores entrevistados referente à terceira pergunta

Pergunta 3: Você se considera um professor pesquisador? Se sim, quais os valores que a pesquisa pode agregar a vida profissional do professor? Se não, descreva o porquê.	
Professor	Resposta
P1	Não, porque o sistema no qual trabalho não oferece condições, simplesmente nos obriga a ser <i>conteudista</i> .
P2	Sim. Pois como elas buscamos questões relativas a nossa prática com o objetivo de aperfeiçoá-las e conhecer a realidade para transformá-la.
P3	Sim, a pesquisa amplia nossos conhecimentos.
P4	Sim, pois a pesquisa pode permitir agregar outros conhecimentos, outras metodologias e didáticas favorecendo a dinâmica das aulas bem como a resolução de situações-problemas contextualizados tão necessária a realidade escolar.
P5	Sim. Pois é através da pesquisa que nos enriquece e nos atualiza em meio às mudanças constantes que ocorrem na educação.
P6	Sim. A profissão de professor é muito árdua, mas para que realmente se faça a diferença o professor precisa buscar na sua prática novas metodologias que irão contribuir para uma melhor qualidade do ensino, e também atualização.
P7	Sim. A pesquisa é essencial para o professor estar atualizado, não só na sua área como também em diversas outras.
P8	Sim. Um professor pesquisador sempre está <i>atenado</i> para a diversidade que a sua disciplina pode abordar.

Fonte: Autoria própria

Com exceção do primeiro entrevistado analisado (P1) que afirma que não é professor pesquisador, restringindo seu ofício à sala de aula devido à falta de apoio oferecido pelo sistema no qual trabalha, todos os outros dizem-se pesquisadores. Os profissionais P2, P4 e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

P6 têm pensamentos que convergem, pois falam que a pesquisa é responsável pelo aperfeiçoamento da prática docente.

É válido ressaltar que as ideias dos professores pesquisadores sempre parte do pressuposto da ampliação de conhecimento e atualização contínua como ferramenta essencial à prática docente, o que entra em consonância com o pensamento de Demo (2004) e Tardif (1999). Essa mesma ideia desses dois estudiosos é facilmente observável na questão que diz respeito ao uso de aparatos tecnológicos.

Na quarta pergunta, foi indagado o que o entrevistado considera essencial para a formação de um professor da educação básica, conforme verifica-se a pergunta e a argumentação de cada professor na Tabela 4.

Tabela 4 – Respostas dos professores entrevistados referente à quarta pergunta

Pergunta 4: O que você considera essencial para a formação de um professor da educação básica?	
Professor	Resposta
P1	Que ele seja orientado para trabalhar sempre com coerência, mas de forma livre.
P2	Promover o desenvolvimento e aprimoramento da capacidade acadêmica e profissional dos docentes formadores.
P3	Antes de qualquer coisa gostar de ser professor.
P4	Conhecimento sobre a sua própria área de atuação e em segundo aspecto a didática inserida no ambiente escolar.
P5	Estudar em uma instituição de qualidade onde o mesmo vise uma melhor qualificação.
P6	Procurar aperfeiçoamentos, para melhor desempenhar o seu trabalho.
P7	A prática, lecionar é importante para a formação do docente.
P8	Que ele domine não apenas o conteúdo, mas também tenha em mãos uma boa didática.

Fonte: Autoria própria

Quanto a este questionamento as respostas foram fundamentalmente variadas. Dois professores (P2 e P5) consideram necessária uma instituição de ensino de qualidade, com professores qualificados, para que os licenciandos disponham de uma formação que supra as demandas do ensino básico, o que corrobora com Tardif (1991) ao contribuir com os saberes das disciplinas, curriculares e profissionais.

Outros dois profissionais (P4 e P8), relatam que para suprir as necessidades de lecionar no ensino básico é necessário conhecimento relativo aos conteúdos da disciplina ensinada, além de uma boa didática; portanto, as instituições devem promover esses dois aspectos durante a formação do profissional. As ideias de Tardif (1991), Pimenta (1996) e Perrenoud (1999) convergem para esse caminho, pois para a prática docente são necessários os múltiplos tipos de saberes de forma a solucionar as situações demandas pela profissão.

O primeiro professor (P1) relata a importância da orientação, principalmente quanto a trabalhar de forma coerente e diligente, mas desde que haja liberdade. O profissional P3 não declara, efetivamente, os fatores essenciais para a formação do professor, mas destaca ser importante a apreciação pela profissão.

O docente P6 destaca a importância da formação contínua para o professor da educação básica, recorrendo a recursos que promovam aperfeiçoar a performance profissional. E o sétimo professor (P7) defende que o graduando deve ser submetido à prática da profissão para uma melhor formação. Novamente, ambos os docentes estão alinhados às ideias de Tardif (1999) quanto a formação contínua a fim de promover conhecimento profissional, além da experiência que possibilita a apropriação dos saberes curriculares e profissionais.

Na quinta e última pergunta, afirma-se que o professor precisa ser formulador de proposta própria, o que implica em construir um projeto didático, porém isto costuma ser um desafio para diversos professores, e diante disso, é questionado quais seriam as dificuldades em formular esses projetos. As repostas de cada docente estão dispostas na Tabela 5.

Tabela 5 – Respostas dos professores entrevistados referente à quinta pergunta

Pergunta 5: O professor precisa ser formulador de proposta própria. Tal afirmação implica em construir um projeto didático. Porém, isso se torna um desafio para diversos professores. Quais são as dificuldades em formular tais projetos?	
Professor	Resposta
P1	Não. Ele deve seguir o projeto pedagógico da escola, mas tem a obrigação de dá uma roupagem própria já que o projeto é flexível.
P2	Complexidade argumentativa e sofisticação do texto a ser produzido.
P3	As dificuldades para elaborar o projeto são maiores no início da carreira do professor, com passar do tempo vai ficando mais fácil. Tudo é uma questão de prática.
P4	O professor esbarra na situação de encontrar gestores ou coordenadores escolares que não possuem conhecimento a projetos didáticos da Matemática, somente os projetos simplistas. Em segundo momento não existe uma instrumentação eletrônica que permita ousar nas aulas, além do tradicionalismo.
P5	A dificuldade não é formular um projeto didático, mas sim executá-lo, muitas vezes por falta de recursos.
P6	Tempo e recursos.
P7	Nenhuma.
P8	O tempo!

Fonte: Autoria própria

Dois docentes (P4 e P5) destacam a falta de recursos como obstáculo. No entanto, o profissional P5 destaca que a dificuldade não é formular os projetos didáticos, mas executá-los pela falta de recursos; enquanto que o quarto professor (P4) destaca escassez de recursos

humanos qualificados na gestão, o que impõe dificuldades na construção de tais projetos, além de ressaltar a falta de recursos materiais, contribuindo para a dificuldade na aplicação de tais projetos. O professor P8 evidencia que o fator complicador na formulação dos projetos é a escassez de tempo. E ainda, o sexto professor (P6) ressaltava que é a falta de tempo e recursos, ocasionando uma intersecção entre as justificativas supracitadas.

O profissional P2 destaca que a formulação dos projetos didáticos é difícil devido a complexidade do texto produzido, enquanto o terceiro professor (P3) alega que a é falta de prática.

Um docente relatou que não há dificuldades em formular tais projetos, enquanto que outro se equivocou ao responder o questionamento por ter confundido projeto didático com projeto pedagógico da escola.

Dessa forma, percebe-se que os docentes não estão totalmente habituados com a construção de projeto didático, tal fato é decorre diretamente da escassez de tempo e recursos. Demo (2004) destaca a importância de o docente elaborar proposta própria, a qual necessita-se conhecimento pedagógico a fim de detectar as características da escola e adequar o ensino à realidade dos estudantes da melhor maneira, o que não é passível de ser constatado plenamente nos professores entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os dados coletados por meio do questionário, percebe-se que os professores estão mais propensos a utilizarem recursos tecnológicos nas aulas ao argumentarem que facilitam o processo de ensino e aprendizagem e diversificam os recursos didáticos, o que converge ao que Setzer (2001) defende.

Constata-se que os docentes acreditam que é viável trabalhar conteúdos matemáticos com interdisciplinaridade, havendo, portanto, uma correlação com a visão de Demo (2004). Esta circunstância favorece o processo de significação e desenvolve a curiosidade do aluno e, conseqüentemente, o interesse em aprender.

A maioria dos professores declararam ser pesquisadores, atribuindo ao fato de aprimorar a prática docente, aquisição de conhecimentos etc. Tais alegações convergem para a formação contínua e construção dos saberes/conhecimentos descritos por Tardif (1999). Mas demonstrou-se de forma insuficiente o questionamento de forma crítica quanto aos materiais prontos (especialmente da internet) e a reconstrução desse conhecimento, como Demo (2004) defende ser característica de um professor pesquisador.

Quanto aos elementos essenciais para a formação do professor da educação básica, as

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

respostas foram bem diversificadas. No entanto, os docentes declararam, essencialmente, a importância da competência profissional e dos tipos de saberes (das disciplinas, curriculares, profissionais e da experiência) para a formação, visto que esses itens contribuem para a prática docente.

Por fim, verifica-se que grande parte dos docentes não estão familiarizados com a formulação de um projeto didático, devido à escassez principalmente de tempo e recursos. Logo, foi possível notar a dificuldade para o professor ser formulador de tais propostas, fato este, que Demo (2004) reconhece que está ausente nos professores de educação básica em decorrência de não terem aprendido a pesquisar e/ou elaborá-los, porém considera essencial para o docente.

Portanto, têm-se expectativas promissoras quanto a melhoria do processo de ensino e aprendizagem da Matemática, visto que as concepções dos atuais docentes estão em crescente processo de transição para os campos idealizados pela comunidade da Educação Matemática. Com isso, espera-se que a educação seja formulada e conceituada de modo a tornar os professores cada vez mais proativos, pesquisadores, formuladores de propostas própria, que trabalhem a interdisciplinaridade, atualizem-se permanentemente etc.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. Professor do futuro e reconstrução do conhecimento. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERRENOUD, P. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência. 4ª ed. (Coleção Docência em Formação. – Série Saberes Pedagógicos). São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, S.G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1996.

SETZER, V. W. Meios Eletrônicos e Educação: Uma visão alternativa. São Paulo: Ed. Escritura, Coleção "Ensaio Transversais", vol. 10, 2001.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Rio de Janeiro: PUC, 1999.

TARDIF, M.; LESSARD & LAHAYE. Os professores face ao saber: Esboço de uma problemática do saber docente. Teoria & Educação nº4, Porto Alegre: Pannônica, 1991.